



Começo de Conversa

Fernando Albrecht

fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br

Do sorvete ao pet

A Nestlé anunciou que vai vender sua linha de sorvetes e focar mais em outros nichos, como o de cuidados com os animais. Difícil encontrar uma família sem seu animal de estimação. E passear com ele é uma obrigação. A empresa entrou em Porto Alegre em 1957, com seu Chicabon, um picolé cremoso de chocolate que fez enorme sucesso. Não à toa a Nestlé entra nesse lucrativo ramo. O mercado pet brasileiro faturou R\$ 77 bilhões em 2024, com crescimento de 12% em relação ao ano anterior. O segmento de pet food lidera esse avanço, movimentando R\$ 42,3 bilhões.



FÁBIO PILGER/DIVULGAÇÃO/JC

O futuro incerto

De uma forma geral, o consumidor brasileiro está indo às compras, enquanto o desemprego está baixo. Mas se o sentimento de consumo é alto no presente, o futuro não é nada risonho, segundo trabalho da Ipsos. A análise dos dados mostra uma queda brusca na confiança sobre a situação financeira pessoal futura. O ceticismo é liderado pela Geração X e pelas mulheres.

O desastre em forma de samba

Vamos dar de barato que o Planalto não deu a ideia à Acadêmicos de Niterói de homenagear Lula com L, e tudo incluindo, mostrar Bolsonaro em forma de palhaço. Será que nenhum dos gênios do presidente-candidato não lembrou de olhar o enredo, o plano de voo do desfile, para ter certeza de que não viria uma bola nas costas? Pior que veio. Esculachar os evangélicos merece ouro na modalidade “tiro no pé”. E logo em ano eleitoral.

Promoção

O Grupo Panvel promoveu Raphael Ramos Monteiro ao cargo de diretor de Digital e Clientes, com a missão de integrar ainda mais as lojas físicas ao atendimento via site e aplicativo.

Fala o leitor

“Por aqui, em alguns setores da economia, quanto mais vende um produto, mais aumenta o preço. Contra toda a lógica econômica-capitalista”. (Gelson Gastaldo da Costa)

Juro e renda

Há cautela com relação à inflação (e custo de vida, porque a gôndola não mente) como mote para queda mais significativa da Taxa Selic. Há um temor latente de que haverá pressão inflacionária devido ao aumento do consumo devido ao aumento do poder de compra pela isenção de imposto de renda, sobretudo na faixa até R\$ 5 mil mensais. Cai cá, mas menos do que se esperava.

Dois fantasmas

O maior fantasma brasileiro é a inadimplência. O segundo é a epidemia de apostas nas bets, sobretudo nas faixas de menor renda, aquelas que não deveriam se afundar no mundo das apostas alimentadas pela compulsão. É fácil entrar, difícil de sair. A tentação de que a sorte vai mudar não leva em conta o princípio universal de quem banca esse tipo de jogatina: a banca sempre ganha. Efeito colateral é a destruição da família e da vida pessoal como ela era.

Mais rendimentos,
mais oportunidades.
Invista no Sicredi.

- Renda Fixa
- Renda Variável
- Fundos de Investimento
- Previdência Privada

Sicredi | Sicredi Origens RS



HISTORINHA DE SEXTA

Do mato ao asfalto

Viajar em um ônibus com menos de 30 lugares sentados e quase outro tanto de pé por 100 quilômetros de uma pequena vila do Vale do Caí, no final dos anos 1940, até Porto Alegre, com menos de 400 mil habitantes, era uma aventura que incluía atravessar o Rio Caí de madrugada em uma balsa - ou barca, como se falava - cujo porão acumulava mais água que transmitisse tranquilidade. Era essa a rotina diária do Kurt Backes, dono do Expresso São Vendelino.

Quando se é criança, um quilômetro é longe, imagina 100. As luzes da cidade grande compensaram o desconforto, mas uma boa lua cheia prateando a solidão de madrugada tinha seus encantos. Essa é a síntese das viagens que fiz com meu pai no seu pequenino Renault Juva 4, e sozinho, no ônibus do seu Kurt naqueles anos. Na noite anterior já não dormia de tão ansioso. Todos finais de tarde eu esperava o ônibus que trazia pão d'água de Porto Alegre para quebrar a rotina do pão preto feito no forno da dona Cita, minha mãe.

Os amigos mais velhos diziam que dava para ver as luzes de Porto Alegre subindo no Morro Canastra, mas não era aconselhável uma criança atravessar o mato e já noite alta fazer o trajeto de volta para o conforto da minha cama, com cobertor de penas de ganso, que aquecia corpo e alma nas frias noites de inverno.

Minha memória olfativa registra até hoje a mistura de poeira com gasolina, o sapato novo nos pés com meias imaculadamente brancas, calças curtas com suspensórios de celuloide. A primeira providência era sentar na janela ou no banco ao lado do motorista para curtir cada metro, cada arbusto, cada árvore e cada curva da viagem que levava em torno de três horas. Ao longo do percurso, gente descia e gente subia. As malas ficavam no teto do ônibus dentro de um cercadinho de metal. Para subir e descer, uma escada de metal soldada na carroceria Elizário. Para descer, apertava-se uma campainha que não era campainha, mas uma cigarra. Ao longo do percurso, a gente descia e a gente subia.

Minha memória visual registra uma noite de lua cheia que prateava o potreiro e os morros do lado oposto da nossa casa, uma beleza que nunca deixei de admirar e que me acompanhará até o último dos meus dias. Uma rabanada e café com leite forravam meu estômago. Os lugares iam passando, Piedade, Santa Terezinha, Bom Princípio, já com sinais de civilização, Passo dos Selbach, e a barca tracionada por dois pares de mãos.

Já em Porto Alegre lá estava o armazém de secos e molhados, meu tio Edmundo Weissheimer, casado com uma irmã da mãe. Na fachada havia um enorme letreiro “Armazém Edmundo, o Terror da Zona”. A “Zona” era o Quarto Distrito e sua avenida mestra, a Avenida Eduardo, depois Franklin Delano Roosevelt. Luzes, luminosos de neon, comércio, tudo enchia os meus olhos de guri. Alguns metros depois do terror da zona no lado oposto, o Recreio Avenida, um restaurante famoso em todo interior, da família Tagliassuchi. Todo mundo era amigo de todo mundo e era só dar as caras na entrada que alguém dizia “é o filho mais novo do seu Josef”. Bem, meu pai era famoso, pensava eu. Serviam até coxa de rã, imagina, mas comer prima de sapo não era bem minha praia.

Gratas lembranças daquele bairro. O Clube Gondoleiros, o cinema, a fábrica da Coca-Cola que dava lápis vermelho e miniatura de Coca Cola de brinde, a Neugebauer que dava o carro-chefe da empresa, uma barra chamada Chocolate Refeição, um pequeno teatro onde ensaiava o Grupo dos 16 com atores meus primos. No Natal os moradores enfeitavam casas e postes muito antes de ser moda. A noite era feliz. Para além do Quarto Distrito só conhecia os atacados da Rua da Conceição, com caminhões descarregando produtos coloniais.

Tudo muito bonito, tudo novidade, mas depois de três dias batia a saudade de casa, a massa da mãe, o cheiro da poeira misturada com gasolina, os primos, e o farfalhar do vento nos galhos dos eucaliptos que margeavam uma subida que levava à casa do pastor luterano, amigo dos meus pais católicos. E quando fartei de admirar as luzes da cidade, senti saudade das noites de lua cheia no meu pequeno paraíso.